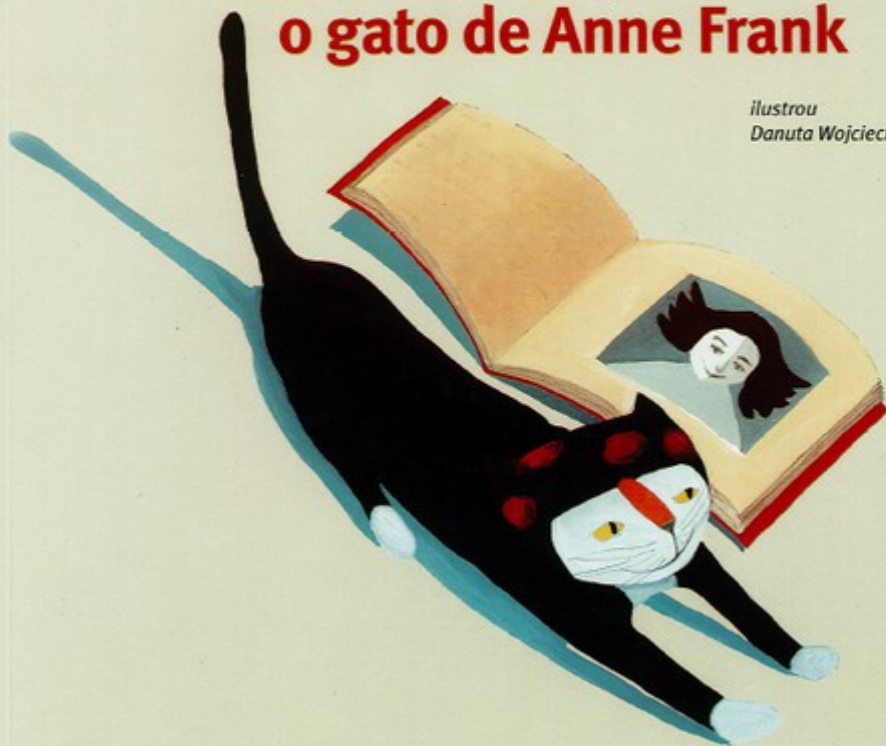


José Jorge Letria



# Mouschi, o gato de Anne Frank

*ilustrou*  
Danuta Wojciechowska



EDIÇÕES  
**ASA**

**Mouschi, Anne Frank's Cat**

Text by José Jorge Letria

Illustration by Danuta Wojciechowska

Pages: 38

ISBN: 9789724128221

Age: +11



O meu nome é Mouschi e fui, durante dois anos, o gato de uma menina chamada Anne Frank. Só não passei mais tempo com ela, com a sua família e com as outras pessoas que viviam escondidas num anexo com sótão em Amesterdão, porque um dia vieram uns homens fardados que falavam alemão e tinham gestos e vozes ameaçadores e levaram com eles todos os que ali viviam em segredo. Nesse momento fiquei sem ninguém que pudesse cuidar de mim e, para não ter o mesmo destino que as pessoas que acabavam de ser presas, esgueirei-me por entre as pernas dos soldados e dos oficiais, que acentuavam com sonoras batidas de tacão as suas ordens, e desapareci nas ruas desertas e tristes, buscando o alimento que pudesse garantir a minha sobrevivência.

Já passaram alguns anos e continuo a sentir muitas saudades da minha amiga Anne Frank, mesmo quando me lembro das vezes em que ela me dava um pequeno piparote para eu sair de cima das páginas do diário que ela escreveu naquele anexo quase sem luz, durante os dois anos que ali passou escondida.

*My name is Mouschi and, for two years, I was the cat of a girl called Anne Frank. The reason why I didn't spend more time with her, her family and the other people secretly living in an annex of an attic in Amsterdam, is because one day some men in uniform, speaking German and with scary voices and gestures, discovered us hiding in that place. From that moment on I had no one to take care of me. I tried not to face the same destiny as those who had just got detained, and so I fled from under the legs of the soldiers and officials that would hit on the floor with their boots to give orders. I made myself disappear in the deserted and sad streets outside, only looking for food that could guarantee my survival.*

*Some years have already passed and I still miss a lot my friend Anne Frank, even when it comes to mind her little pushes so that I would move away from the diary pages that she wrote in the dark annex where she lived for two years hiding herself.*

Suponho que os meus leitores sabem como são os gatos. A curiosidade é o que têm, ao mesmo tempo, de melhor e de pior. É boa porque os leva a interessarem-se pelas coisas e pelas pessoas e a observarem-nas incessantemente, e é má porque, com frequência, faz deles intrusos no espaço que pertence a quem deseja estar só para pensar ou para escrever.

Eu, para não fugir à regra, sentia uma grande tentação de ler o que aquela menina de rosto esguio e olhos tristes mas muito vivos escrevia todos os dias no seu caderno. Lendo os seus comentários, eu podia ficar a saber o que ela pensava das pessoas que com ela viviam no anexo e também a meu respeito, já que eu, embora seja gato, quase fazia parte daquele grupo como se fosse um verdadeiro ser humano.

Quem nada conhece acerca de Anne Frank há-de querer saber por que motivo vivia escondida com a família num anexo com sótão, em Amesterdão, em vez de levar uma vida normal como quase todas as raparigas da sua idade. A razão era tão simples quanto trágica. É que Anne Frank, nascida em Frankfurt, na Alemanha, era judia e os homens que nesses anos governavam aquele país e uma boa parte da Europa ocupada pela força perseguiam e matavam os judeus, transformando-os no seu principal inimigo e na justificação de toda a sua brutalidade.

Foi essa a razão que levou os pais de Anne, em 1942, a refugiarem-se num anexo que fazia parte do edifício onde estava instalada

*I suppose my readers are familiar with how cats are. Curiosity is what they have altogether of good and bad. Good because it makes them keep interested in things happening around and in humans, while becoming really good observers. But bad because it frequently annoys those who want to keep still in one place to think or write, and can feel as an intrusion our constant vigilance over them.*

*For what I'm concerned, and because I'm no exception, I felt a huge temptation to read what that little girl of slender face and sad-but-lively eyes wrote every day in her notebook. By reading her impressions, I could learn what she thought of everyone living with her in the attic, and me included as I was also part of that group of people even though I was a cat.*

*Those who aren't aware of Anne Frank's story will like to know the reason why she had to hide with her family in an annex in the Amsterdam attic, instead of leading a normal life like every girl her age. The reason was as simple as tragic. It's that Anne Frank, born in the German city of Frankfurt, was Jew, and the people who governed that country, as well as a good part of Europe by the use of force, would hunt and kill the Jew people: they thought they were their main enemy and that justified all brutality.*

*This was the reason that lead Anne's parents to take refuge in an annex, in 1942, which was part of the building where her father had his business.*

a empresa de seu pai. Era essa a única maneira de desaparecerem sem de facto saírem do local onde viviam. Ali, apesar do medo que todos os dias os atormentava, podiam ter alguma paz e, sobretudo, a garantia de que não seriam levados, pelo menos tão cedo, para um campo de concentração, local onde os homens que aterrorizavam a Alemanha mantinham presos os judeus e todos aqueles que se opunham às suas ideias e, principalmente, aos seus métodos.

Se lerem com atenção o diário que Anne Frank escreveu, hão-de reparar que ela, a certa altura, fala de mim. Ela começou a escrever o seu diário numa sexta-feira, dia 12 de Junho de 1942, data em que festejava o seu 13º aniversário. Sei tudo isto porque ela mo contou, já que, nessa época, ainda não nos conhecíamos.

Sei que esse foi um dia muito feliz para ela. Apesar de o mundo já se encontrar em guerra, ela estava longe de poder imaginar todo o horror que a esperava e que acabaria com a sua morte. Aqueles que me lêem agora nem podem supor como me custa usar essa palavra, sobretudo quando falo da minha querida Anne Frank.

Um dia, ela deixou-me a primeira frase do seu diário. Dizia o seguinte: "Espero poder confiar-te tudo, como nunca o pude ainda fazer com ninguém, e espero que sejas para mim um grande apoio". No interior da capa, Anne colou uma fotografia sua de que gostava muito e escreveu: "Que bonita fotografia! Não é?" E era mesmo. Ali estava o seu sorriso doce e o seu olhar inteligente e sempre atento.

5

*It was the only way to be invisible without leaving the place where they have lived ever since. In there, despite the fear that every day tormented them, they could have some peace and, above all, be certain that they would not be brought anytime soon to a concentration camp – the place where the men who terrorized Germany kept Jews jailed, as well as those who opposed their ideas and ways of living.*

*If you read carefully Anne Frank's diary, you will realize that, in a certain page, she starts speaking of me. She began writing her diary in a Friday, on the 12<sup>th</sup> of June of 1942, the day she commemorated her 13rd birthday. I know all this because she told me later, as at this time we haven't yet met. I know as well that this was a very happy day for her. Even though the world was already in war, she couldn't imagine there was also horror reserved for her, something that in fact culminated in her death. Those who now read me can't tell how hard it is for me to use that "D" word, especially when speaking about my dear friend Anne Frank. Once, she showed me the first line of her diary. It said this: "I hope to tell you everything that I could never tell anyone until now. And I hope that you will be a faithful and supportive friend." Inside the cover, Anne glued a photograph of herself that she liked a lot and wrote: "What a beautiful photograph! Isn't it?" And it really was. We could see in it the tender smile and her intelligent and sharp eyes.*

Ali estava a minha querida Anne Frank com tudo aquilo que este pobre gato que teve o prazer de ser seu amigo tanto apreciava nela. Ela tinha acabado de fazer treze anos quando escreveu estas palavras.

Nesse dia de aniversário, o último que passou em liberdade, Anne recebeu livros, caixas de bombons, um "puzzle", uma jóia e o diário que viria a ser o seu companheiro e o seu principal confidente nos dois anos que ainda lhe restavam para viver.



*And there was my dear Anne Frank, showing all the qualities that this poor cat, who had the pleasure of having been her friend, so much appreciated.*

*In that anniversary day, the last one she spent in freedom, Anne received books, chocolate boxes, a puzzle, a jewel and the diary that would be her companion and main listener of her thoughts during the two years she had left to live.*



Eu entrei na vida de Anne Frank por mero acaso. Muito pequeno ainda, fui encontrado na rua por Peter van Pels, no diário tratado pelo nome de Peter van Dann que, com a família, se juntou a Anne, aos pais e à irmã Margot no esconderijo. O nosso encontro deu-se no dia 13 de Julho de 1942, e eu acho que Anne gostou de mim logo desde o início. Não fez comentários do género "que lindo gatinho!" ou "ainda bem que nos trouxeste um novo amigo, Peter", mas eu senti nos seus pequenos olhos cheios de brilho um contentamento que não precisa de palavras para se fazer entender.

Tal como os gatos, Anne passou várias semanas a fazer o reconhecimento, quase centímetro a centímetro, daquela que iria ser a sua casa e das outras pessoas nos dois anos que se iam seguir. Eu fiz o mesmo, procurando orifícios no soalho, pedaços de fio de lã ou de arame com que pudesse brincar e principalmente fendas donde pudessem sair ratos ou baratas que sempre gostei tanto de caçar. Infelizmente, aquele espaço estava mais fechado que um ovo antes de o partirem para ser estrelado. E percebe-se porquê.

7

*I entered Anne Frank's life by luck. Still a little cat, I was picked up from the streets by Peter van Pels – in the diary he is called Peter van Dann – who, alongside with his family, joined Anne, her parents and her sister Margot in the hiding place. Our meeting happened on the 13<sup>th</sup> of July of 1942, and I'm confident Anne liked me right from the beginning. She didn't make commentaries like: "what a pretty kitty!" or "so good that you found us a new friend, Peter", but I felt in her little eyes a shining of contentment that doesn't need further words to be understood.*

*Just like cats, Anne spent several weeks acknowledging every inch of that place which soon would become her home – and the home of the other people – for the following two years. I did the same as her; looked for any holes that may have existed in the floor, small wollen yarn or wire with which I could have played, and especially cracks on the wall from which I could hunt rats or cockroaches. Unfortunately for me, that place was as insulated as an egg before being cracked in a frying pan. And we can guess why.*

É que qualquer orifício por onde pudesse sair luz ou som do interior do esconderijo representava uma ameaça para a já escassa segurança daquelas pessoas sem destino certo.

Ainda assisti a verdadeiras sessões de costura em que participavam Anne e o resto da família, tapando com pedaços de pano cozidos uns aos outros todos os espaços por onde pudesse sair uma centelha de luz.

– Sai já daqui, Mouschi! Não vês que estamos a trabalhar e que este trabalho é muito sério? – disse-me Anne várias vezes, nessa altura, em tom de ralhete, vendo-me enredar-me a seus pés nas linhas que usavam para tapar o pequeno postigo e outras superfícies por onde pudesse entrar ou sair luz.

E a pobre Anne, que não gostava de silêncio e que adorava rir e falar em voz alta, foi obrigada, como todos os moradores do refúgio, a passar dias inteiros a sussurrar e a andar descalça para não fazer qualquer ruído que denunciase a presença de tanta gente escondida naquele anexo e no sótão que tinham por cima. Eram todos judeus como ela e tinham a esperança de que os tempos maus passassem e pudessem finalmente ver o sol e falar normalmente, sem medo de serem descobertos e presos.

Anne, por brincadeira, costumava dizer que estava condenada a fazer menos barulho que um ratinho, e nem ela imaginava como aquela comparação aguçava o meu instinto de caçador.

8



*The thing is, if there was any hole from which a sound or a brief flash of light would come out, that could pose a threat to the fragile security of those people with uncertain futures. I had time to take part of truly intense sewing sessions with Anne and the rest of the family. Pieces of fabric would be sewed together to cover those spots that could denounce us.*

*“Get out, Mouschi! Can't you see we are doing very serious work?”, Anne said several times, in a scolding manner, seeing my feet entangled with the yarn. And poor Anne, who didn't like silence and loved laughing and speaking aloud, obliged to speak in whisperings and walk barefoot so that so many people hiding in the annex and in the attic above them wouldn't be found. Everyone was Jew and, like her, they hoped bad times would be left behind alongside with the fear of being discovered just to be put in jail, and that some day they could be under the sun again and speak in whatever way they wanted. Anne used to say jokingly that she was condemned to make less noise than a little mouse; she wouldn't ever guess how that comparison sharpened my hunting instincts.*

